

agricultoras, nas que atuam na área da saúde, nas que despontam na política, etc. Ainda na linha do ver, o segundo artigo estuda "A MULHER NA PERIFERIA", analisando a marginalização e a relação de dominação, e propondo perspectivas de ação. Um terceiro artigo, breve, constata a situação da mulher "NO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO", ressaltando as aquisições notáveis em relação ao Código anterior.

O quarto estudo, aprofundando a temática abordada no primeiro, típica "SETE MULHERES CATARINAS E OUTRAS MAIS", delas e da Trindade Santa tirando lições para um modelo novo de sociedade, no qual se recupere a primordial igualdade mulher/homem e se restaure, também em nosso Estado, a plena dignidade da mulher. O estudo seguinte analisa "A SEXUALIDADE FEMININA", abordando seus vários aspectos: o psicológico, o feminista, o teológico-moral, e o cultural, concluindo que a libertação da mulher será feita não entrando no jogo do consumismo crótico, mas redescobrimdo a sabedoria do Criador do homem e da mulher.

A iluminação bíblica, deixando à parte tantos outros temas e textos da Escritura, focaliza a mulher nos livros sapienciais, especialmente "NO SIRÁCIDA", examinando o problema da misoginia, ou seja, da rejeição e rebaixamento da mulher em várias de suas páginas. Como se trata de textos canônicos, inspirados, é preciso descobrir neles o verdadeiro desígnio de Deus sobre a mulher! O articulista conclui que essa misoginia é relativa, devendo e podendo ser superada por uma correta leitura crítica. E ainda, na linha do julgar, temos interessante e raro estudo sobre "A MULHER NA ERA PÓS-APOSTÓLICA", refletindo sobre os dados que encontramos na primeira Carta de Clemente Romano aos coríntios. Surpreende a constatação de que Clemente representa um avanço considerável em relação a certas posições rabínicas de Paulo, avanço praticamente neutralizado na tradição a seguir.

O artigo seguinte: "O MINISTÉRIO DA MULHER NA IGREJA", apresenta uma resenha histórica que examina especialmente duas fases: a Igreja primitiva, e a abertura pós-conciliar. Detém-se depois na situação atual, procedendo então a uma reflexão teológica que examina os argumentos pró e contra a ordenação das mulheres. A conclusão do autor é matizada, como não podia deixar de ser, mas abre pistas para soluções que deverão ser alcançadas em espírito de serviço, não por reivindicação ou pressão.

Um último estudo focaliza a pessoa de "MARIA, MULHER PEREGRINA", numa leitura latino-americana da recente Encíclica Mariana de João Paulo II. O autor parte do bloco dos n.ºs 35 a 37 do texto da "Redemptoris Mater", que faz do Magnificat de Maria o Magnificat da Igreja a caminho, enlaçando num único nó a mariologia do Papa e a mariologia dos pastores e teólogos da América Latina. São destacadas duas marcas teológicas em Maria e na Igreja latino-americana: a peregrinação e a perseguição. Uma série de conclusões práticas e sugestões "para vivificar nosso relacionamento com Maria" termina o artigo.

Acrescentamos ainda um *Documento*, dentro do tema deste número monográfico sobre a mulher: a "TRADUÇÃO ANTIPATRIARCAL DA BÍBLIA". Embora produzida no primeiro mundo (E.E.UU.) e também por lá questionada (Alemanha Ocidental), esta tradução necessariamente repercutirá também aqui, na América Latina. Sem descambarmos num feminismo radical, também inaceitável, a perspectiva de fundo, dessa "releitura", parece justa.

Uma palavra, agora, antes de entregarmos este número ao leitor. É a palavra de agradecimento ao primeiro Redator dos "ENCONTROS TEOLÓGICOS" e ex-Diretor do nosso Instituto, *Pe. Dr. Hélcion Ribeiro*, da diocese de Lages. A ele, à sua tenacidade e persistência, devemos o nascimento desta Revista, que surgiu como veículo do diálogo entre o Instituto Teológico de Santa Catarina e as Igrejas particulares do nosso Regional Sul IV. Sob sua direção saíram os dois primeiros números, o 1.º dedicado ao "Leigo na Igreja", e o 2.º focalizando o "Planejamento Pastoral" do nosso Regional. De sua lavra é também um dos artigos deste 3.º número. Que o Senhor lhe retribua generosamente os esforços aqui despendidos.

Em sua homenagem gostaríamos de citar e fazer nossas as palavras finais do Editorial do 1.º número: "Esperamos sejam estes ENCONTROS TEOLÓGICOS ocasiões reais de serviço e diálogo com nossos irmãos catarinenses que dão seu testemunho de fé e constroem a Igreja de Jesus Cristo por meio de suas funções e carismas. . . " E também as do 2.º número: . . . "Estamos com os olhos voltados para a entrada no terceiro milênio cristão. . . O tempo cronológico (tempo cursivo) não faz sentido para nós se não se tornar kairológico (tempo de graça). E ao tomar esse sentido, ele nos desafia perguntando-nos: o que fizemos e o que faremos na implantação do Reino do Senhor? Estamos transformando nossa Santa Catarina numa sociedade nova para todos os irmãos — e todas as irmãs — de Jesus?"

A DIREÇÃO

ENCONTROS
TEOLÓGICOS

REVISTA DO
INSTITUTO
TEOLÓGICO DE
SANTA CATARINA

NÚMEROS MONOGRÁFICOS

N.º 3: A mulher, ontem e hoje

EDITOR: DIRETORIA DO ITESC

Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 476

Caixa Postal 5401

88041 — Florianópolis, SC

"ENCONTROS TEOLÓGICOS"

é uma Revista que quer ser um contributo à reflexão da Igreja em Santa Catarina

A edição deste número de "ENCONTROS TEOLÓGICOS" contou com o apoio do Governo do Estado, através da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina

LUTAS DE MULHERES EM SANTA CATARINA E SEU SENTIDO

Teresa Valler, 4.º ano; Ilda Lopes, 3.º ano; Maria Assunta Klein, 3.º ano; Neiva Hoffelder, 3.º ano.

UM POUCO DA SITUAÇÃO

O aparecimento de novos protagonistas no campo político na América-Latina é uma evidência incontestável nos últimos quinze anos. Isto se explica não só por razões econômicas, mas sobretudo pela participação política consciente e sempre mais ampla e organizada de diversos setores populares e sociais.

A mulher é um desses protagonistas fundamentais. Ela representa a metade da população do nosso país. Biologicamente ela é a fonte de vida e, economicamente, ela é a fonte da renda.

Enquanto executa trabalhos até com mais responsabilidade que o homem, e com menos direitos e salários inferiores, outra jornada a aguarda em casa, sem remuneração, por não produzir mais valia.

Em 1970, 90% dos trabalhos de prestação de serviços no Brasil eram executados por mulheres. Elas realizavam 2/3 de todo o trabalho do planeta; a média dos salários femininos somava apenas uma décima parte da dos homens; 99% das propriedades estavam nas mãos dos homens. Nestes dados não se incluem trabalhos domésticos. Hoje esse quadro não sofreu muitas mudanças a não ser pela presença mais acentuada da mulher em algumas profissões de nível universitário como: medicina, odontologia e publicidade. A grande concentração de trabalhadoras continua situada no setor de prestação de serviços. São quase seis milhões de mulheres brasileiras que trabalham nesse setor como empregadas domésticas, enfermeiras, serventes de limpeza. A novidade fica no setor da indústria eletroeletrônica. A Associação Brasileira desse ramo, ABICOMP (Associação Brasileira da Indústria de Computadores e Periféricos), calcula que cerca de 75% das operárias do setor são mulheres.

Por que essa preferência?

O trabalho nestas empresas consiste no encaixe de pequenos componentes eletrônicos: tarefa repetitiva e cansativa, que requer concentração e habilidade manual raramente encontrada em trabalhadores do sexo masculino.

A verdade é que, percorrendo os caminhos de nosso continente e de nosso país, vem ao nosso encontro a mulher camponesa, "encurvada" sobre a terra, lutando pelo alimento para seus filhos; a mulher que desde muito cedo carrega a lata d'água, lava roupa. . . carrega os filhos; a mulher "encurvada" nas fábricas, vendendo sua força de trabalho; a mulher no lar, realizando um trabalho não-reconhecido. . . Mulheres que não conhecem o repouso; mulheres que não podem "endireitar-se" e projetar o futuro, pois apenas têm "forças" para pensar no presente.

ONDE ESTÁ A MULHER, CRIADA À IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS?

Talvez seja mais fácil dizer onde ela não está. Ela não está nos palácios, pois Deus ali não se manifesta preferencialmente; ela não está onde se tramam estratégias para destruir a vida em nome do lucro e do desenvolvimento; ela não está nas cúpulas, pois se aí estivesse muita coisa já teria mudado; e ela não está nas empresas publicitárias que reduzem as pessoas indefesas ao consumismo. De resto, as que lá estão não seriam "robôs" programados por homens?

ONDE ESTÁ, ENTÃO, A MULHER SEGUNDO O PLANO DE DEUS?

Ela está em todos os lugares onde nasce a vida partilhada. Ela está onde as pessoas se organizam para defender a vida, para acabar com a injustiça; ela está onde se luta pela paz; ela está na guerrilha que enfrenta um tirano e também aos pés da cruz dos seus companheiros assassinados; ela está animando a catequese e a educação libertadora, os grupos de reflexão de nossas comunidades; ela está nos acampamentos; animando os lavradores no processo de conquista de sua terra; ela está inventando a caminhada das CEBs; organizando a saúde popular, . . .

A mulher criada por Deus está onde muitas mulheres de setores pobres passam da própria vivência de pobreza e necessidade, à experiência comunitária nos compromissos de organização, rompendo os limites de seus sonhos domésticos e descobrindo-se geradoras da história.

A exemplo do que acontece no cenário nacional, em Santa Catarina também vemos movimentos populares onde mulheres, ultrapassando o individualismo, se organizam buscando formas criativas de reivindicar seus direitos e transformar a realidade.

MULHERES AGRICULTORAS — DIOCESE DE RIO DO SUL

"Mulher da roça, pensa um pouco: te organiza e vai pra luta"
(A. Gringo)

O homem do campo já está bastante envolvido nos movimentos — que contestam a estrutura sócio-política vigente. A mulher, por sua vez, sente que pode reforçar essa luta, uma vez que ela também trabalha na roça e se reconhece como agricultora. Fica evidente que não se trata de ir contra o homem, mas de ajudar a substituir as estruturas injustas.

A questão da mulher agricultora na Diocese de Rio do Sul é um tema que vinha sendo estudado e analisado durante muito tempo. A partir de 1985, mulheres agricultoras começaram a se preparar participando de encontros, promovidos pelo movimento no Oeste do Estado, do CEBI e CPT, passando a integrar grupos de reivindicações dos direitos da mulher.

No dia 08 de março de 1986, realizou-se um encontro de mulheres agricultoras em Ibirama, com 106 mulheres presentes. Em julho, outro encontro na comarca de Taió, com 100 mulheres. A partir disso, o movimento começa a se expandir nas comunidades e municípios da região.

O movimento hoje está organizado nos municípios de: Ibirama, Presidente Getúlio, Aurora, Agronômica, Taió, Salet e Rio do Campo, sem falar da região de Chapecó onde se encontra bem desenvolvido em diversos municípios.

A formação, no movimento das mulheres agricultoras, é feita através de encontros e reuniões mensais, nas comunidades, e pela participação em cursos promovidos pela CPT, MMA (Movimento das Mulheres Agricultoras), Escola Sindical, enfim cursos de interesse sobre a questão.

O Movimento das Mulheres Agricultoras busca:

- despertar as mulheres como agricultoras e para os seus direitos como mulher;
- discutir e encaminhar lutas específicas das mulheres agricultoras;
- somar forças com os trabalhadores rurais e com toda a classe trabalhadora contra toda forma de exploração;
- Reforma Agrária sob o controle dos Trabalhadores e fim da violência no campo;
- construir uma sociedade onde homens e mulheres tenham os mesmos direitos, uma sociedade justa e fraterna, sem exploradores e explorados."

Outro campo de ação, onde sobressai a participação e a liderança da mulher, é a

SEMINÁRIO TEOLÓGICO
Caçador

PASTORAL DA SAÚDE

Em Santa Catarina, a Pastoral da Saúde teve início em 1978, para atender as necessidades do povo empobrecido. Busca também reavivar e resgatar o saber popular. Conta atualmente com cerca de 3.150 agentes por todo o Estado, e 80% destes são mulheres. Mulheres que, unidas, buscam uma alternativa, quan-

do a solução é difícil. Cremos ser importante relatar um exemplo concreto, ocorrido na paróquia de Magalhães, Laguna:

"O prefeito, preocupado com o lazer da população, anualmente autorizava a instalação de uma companhia de circo, bem em frente à Igreja, na praça rodeada de residências das famílias. A Companhia do Circo só se preocupava em divertir a comunidade e prover ao sustento do grupo de circenses, sem se preocupar com o lixo causado pelo consumo de pipocas e outros salgadinhos, doces e bebidas, e a poluição ambiental provocada pelos dejetos dos animais. A situação tornou-se insustentável. As mulheres da comunidade, entendendo que todos têm direito à saúde, moradia digna e saneamento básico, decidiram interditar a vinda do circo para esse local. Foram em grupo para a Unidade Sanitária e pediram providências no sentido da fiscalização da higiene. Nada resolvido. Foram ao prefeito. Como já havia assinado a autorização para a localização do circo, o prefeito não quis romper com a palavra empenhada, mas prometeu que para o próximo ano evitaria a instalação do circo poluidor. As mulheres negaram a água aos circenses e a luz teve que ser instalada com linha própria. A luta pelo saneamento do ambiente continua. Todas estão vigilantes e não permitirão a entrada do Circo na praça. A palavra do prefeito será cobrada"

A MULHER E A POLÍTICA

Para ilustrar o emergir da mulher na política e na reflexão da sociedade brasileira, dividida entre capitalistas e trabalhadores, temos o depoimento da Deputada Luci Choinaski — agricultora e uma das fundadoras do MMA em Santa Catarina. Ela vem testemunhar a presença e as conquistas da mulher catarinense.

Seu depoimento aborda vários temas, por exemplo: a situação da mulher no Terceiro Mundo e em Santa Catarina, bem como as atividades e as conquistas dos movimentos de Mulheres Agricultoras como sementes de esperança da nova sociedade.

"A tomada de consciência das mulheres exploradas do terceiro mundo — onde somos superexploradas porque somos mulheres e trabalhadoras, onde vivemos marginalizadas do processo de desenvolvimento econômico, onde não participamos das decisões políticas e sindicais — é resultado de um processo de organização política e de participação nossa na produção econômica da sociedade. E tudo isto vem se dando de forma efetiva nos últimos anos. A mulher hoje está nas fábricas, tem ocupado de forma efetiva seu espaço na educação, na saúde, etc. Na agricultura, as mulheres trabalhadoras tentam romper a idéia de que são "auxiliares", de que são "domésticas". Já percebemos que a produção de alimentos neste país passa pela nossa mão. Percebemos que aquilo que produzimos para nossos filhos é o lucro da exportação dos capitalistas, aquilo que produzimos para o povo pobre se alimentar é o pagamento da dívida externa que os capitalistas fizeram. O alimento que produzimos em quantidade, para que todos possam comer, virou, na mão dos capitalistas, em miséria, êxodo rural, fome, desemprego, mortalidade infantil, prostituição, etc. Produzimos alimentos, dentro de políticas agrícolas e econômicas em que o sistema nos dá, como resposta, uma vida desumana de fome e miséria. Assim é o Terceiro Mundo e Santa Catarina tem sua parte.

Na América-Latina, diversos movimentos de Mulheres Agricultoras e Operárias são a garantia de que não queremos só "participar" da produção capitalista. Queremos transformar esta forma de produzir, onde apenas uma minoria se beneficia de nosso trabalho.

Na América-Latina, diversos movimentos de Mulheres Agricultoras e Operárias são a garantia de que não queremos só "participar" da produção capitalista. Queremos transformar esta forma de produzir, onde apenas uma minoria se beneficia de nosso trabalho. A nossa participação em diversas lutas de toda a Classe Trabalhadora, através dos Movimentos Sindicais, Populares e Políticos, mostra fundamentalmente que queremos uma Nova Sociedade, onde a produção esteja nas mãos de quem produz.

Em Santa Catarina, o Movimento de Mulheres Agricultoras participa desta "boa nova", desta visão transformadora da sociedade, primeiro tomando consciência da exploração capitalista e da necessidade de sua transformação; segundo, desencadeando um processo de formação cultural, política, sindical...; e terceiro, buscando sua organização de base, sua articulação estadual e nacional pela conquista dos direitos mínimos e fundamentais. Temos plena consciência de que somos maioria da população explorada e que sem a nossa participação não haverá libertação. A classe Trabalhadora é uma só e "passa pelo nosso útero", assim como passa por nós a libertação de todo o povo.

O Movimento de Mulheres Agricultoras, organizado hoje em vários Estados, tem, assim, um caráter classista com bandeiras específicas: auxílio-natalidade; aposentadoria aos 45 anos de idade; assistência médica digna, preventiva, integral, e não só curativa; direito à sindicalização, reivindicação da qual não abrimos mão; reconhecimento como trabalhadoras rurais, com todos os direitos à cidadania.

Juntos a estas, participamos das lutas gerais da Classe Trabalhadora: pela Reforma Agrária; pela não-construção de barragens que desalojam nossas famílias; por uma política agrícola voltada para o consumo interno; pela fixação dos jovens, homens e mulheres, na roça; pela jornada de 40 horas; pela estabilidade no emprego; pelo não-pagamento da dívida externa, etc.

Nesta caminhada já apresentamos algumas conquistas: a participação de grande número de mulheres nas lutas dos trabalhadores é hoje uma realidade.

Nesta caminhada já apresentamos algumas conquistas: a participação de grande número de mulheres nas lutas dos trabalhadores é hoje uma realidade. Lutas do dia-a-dia, fechamento de bancos por nova política agrícola, ocupações de terra pela Reforma Agrária, manifestações, greves, atos contra a política econômica, etc.

Em muitos sindicatos, conquistamos o direito à sindicalização juntamente com nossos companheiros homens, alteramos estatutos, passamos a participar mais intensamente das decisões de nossas organizações. Conquistamos o direito à remuneração quando do acidente de trabalho, inclusive para menores até 12 anos. Nossas bandeiras estão sendo discutidas na Constituinte e também estamos lá, pressionando pela aprovação de nossas reivindicações. Enfim, nossa participação tem sido um avanço e tem conquistado novos espaços para toda a população oprimida. Somos metade da população.

Sem nossa participação "a luta fica pela metade". O que precisamos é "botar todo o time dos explorados em campo", neste jogo onde até hoje temos sempre perdido, e cuja situação de injustiça tem se agravado cada vez mais. Esta é nossa esperança e, desta forma, temos dado grandes passos.

Concluindo. "Se a gente não se une, Deus não ajuda" dizia uma faixa na Romaria da Terra. Com organização, muita coragem e disposição de lutar, chegaremos a uma sociedade justa. Vamos em frente, dizendo não à exploração e a todo tipo de injustiça."

(Depoimento de Luci Choinaski)

ONDE ESTAS MULHERES BUSCAM FORÇAS?

- Na fé que alimentam dia-a-dia.
- No Deus da Bíblia, o Deus dos pobres, único Pai e libertador.
- No exemplo de Débora, Rute, Ester, Judite e Jael.
- Na certeza profética de Maria, que canta a libertação do seu povo, a vitória dos pobres desta terra (Lc 1,46-55).
- No projeto de Jesus, que veio trazer vida, vida em abundância (Jo 10,10).
- Na convicção, selada pela Ressurreição de Cristo, de que um dia acontecerá o "Novo Céu e a Nova Terra", onde seremos irmãos.
- No testemunho de fé e resistência do povo com quem trabalham.

ILUMINAÇÃO BÍBLICA — Algumas referências

Os momentos de crise em Israel não foram poucos. Nem sempre as lideranças constituídas conseguiram dar uma resposta a essas situações. Esse vazio era suprido pela presença sábia da mulher. Ela sentia-se chamada a preservar a continuidade da vida do povo, a não permitir a diluição da Promessa e da Aliança.

Assim, Débora surge num momento de desânimo e de dispersão:

"Desertos se achavam os campos em Israel, desertos,
Se não quando eu, Débora, me levantei,
Me levantei como uma mãe em Israel (Jz 5,7).

Rute e Noemi simbolizam a grande resistência daqueles que não se esquecem de seus direitos, nem deixam os outros se esquecerem. O próprio livro de Rute foi escrito no contexto da volta do cativo, quando as mulheres estrangeiras foram expulsas do país.

Judite, mostra aos chefes do povo que resistência não é passividade e que a fé não combina com o desespero (Jt 8).

No tempo da rainha Ester, o movimento de resistência, debaixo da ameaça de extinção do povo, é acompanhado de várias iniciativas, de troca de recados e de um estratagem para conquistar a devolução dos direitos dos oprimidos.

No livro dos Macabeus, uma mulher sem nome é que desempenha grande papel dentro da história e da luta, sobretudo no segundo livro (2Mc 7), onde junto com ela emergem outras duas figuras essenciais: o velho, Eleazar e o guerrilheiro, Judas. É justamente nesse tempo de crise social e política, tempo em que nem sempre é fácil perceber caminhos de solução em favor das classes oprimidas, que surge a literatura apocalíptica de resistência. Neste contexto aparece a figura da mulher. Mulher que é símbolo do povo pobre que resiste. Ela produz, então, uma nova mística de vida numa situação de morte.

Não é por acaso que, nessa mesma época, surge a fé na Ressurreição. E, no texto citado (2Mc 7), é a mulher que elabora esta mesma fé.

Não é por acaso que, nessa mesma época, surge a fé na Ressurreição. E, no texto citado (2Mc 7), é a mulher que elabora esta mesma fé. Fé que nasce de um chão onde muita gente perdeu sua vida na luta contra o opressor, onde muita gente

foi assassinada por fidelidade à Aliança, por estar ao lado do Deus da Vida.

Sem dúvida, a inabalável fé na vida, que essa mulher demonstra, nasce da experiência de mãe de sete filhos, geradora generosa de vida.

É a mesma fé das parteiras do Egito que, por amor à vida, desobedecem ao Faraó (Ex 1,15-21). É a mesma fé de Miriam, que dança depois da passagem do povo pelo Mar Vermelho (Ex 15,20-21). É a mesma fé de Débora, Rute, Jael, Noemi, Ana, Maria de Nazaré e de tantas outras. . .

Podemos afirmar que o profetismo das mulheres do AT, a exemplo do que foi assumido por Jesus, foi um ministério de Vida: onde havia morte e esterilidade, abriam caminhos por onde se encontra a força e a coragem de viver. As profetisas não hesitam, outrossim, em utilizar seus recursos e encantos femininos para defender a causa de seu povo. Elas são conhecedoras da parcialidade de "Javé" a serviço da vida, parcialidade que chega até a colocar mulheres estrangeiras (Rute e Tamar), à frente de seu povo. Elas se arrojam, desafiam perigos, não estão preocupadas em garantir sua fama (Tamar, cf. Gn 38).

Hoje em nossas comunidades, nas roças, nas periferias, nas escolas, nos acampamentos, nas fábricas, no lar, encontramos mulheres portadoras das qualidades das profetisas do AT.

Somos mulheres cristãs. Esse é o indicativo dos motivos de nossa luta, de nosso engajamento. Jesus Cristo, Verbo Encarnado de Deus, é a palavra reveladora que desvela a nossa realidade.

Somos mulheres cristãs. Esse é o indicativo dos motivos de nossa luta, de nosso engajamento. Jesus Cristo, Verbo Encarnado de Deus, é a palavra reveladora que desvela a nossa realidade.

Afirmar que "Jesus é o Cristo!" nos leva a novos compromissos históricos. Afirmar que Ele é "O Senhor!" é para nós um chamado para sermos protagonistas de sua libertação, no Reino de Deus já presente. Acreditamos que a recuperação do Jesus histórico acontece para que a História da Salvação seja salvação histórica! Para isso é importante descobrir o Deus da vida nos gestos do Cristo de ontem e de sempre."

"MULHER, NÃO CHORES. . ." (Lc 7,11-15).

Uma mãe, chorando a morte de seu filho. Será uma cena estranha em nosso continente tão cheio de dor, tão oprimido?

Um Deus se comove, se detém ante a dor humana. Este sentir com os outros leva Jesus a acalmar a fome, a sanar a doença, a vencer a morte.

"Mulher, não chores! Jovem. . . levanta-te!"

A restituição da vida como milagre é "sinal" antecipatório do totalmente novo que com Ele se inicia. É um chamado a "levantar-nos" e falar desse Deus que julga aqueles que se arrojam o poder sobre a vida dos outros.

Testemunhar a Ressurreição é desmentir o triunfo final da morte, é ser testemunhas da vida nova no meio da desesperança e da amargura das derrotas. . .

"MULHER. . . TUA FÉ TE SALVOU, VAI EM PAZ" (Lc 7,36-50).

Para a sociedade, uma mulher condenada, marginalizada. . .

Para Jesus, uma pessoa que "derrama" sua vida, que oferta o que tem. A palavra de Jesus aclara, explicita o gesto de amor e gratuidade dessa mulher e a incorpora à comunidade, onde o perdão é caminho de vida nova e mobiliza para o seguimento.

"MULHER, ESTÁS CURADA DE TUA ENFERMIDADE" (Lc 13,10-17)

Segundo Lucas, esta é a última ocasião em que Jesus entra na Sinagoga antes de tomar o caminho da cruz. Ali, Ele se defronta com a religião institucionalizada e encontra a mulher encurvada. Jesus proclama a libertação de toda a história e antecipa a totalidade num processo que se concretiza em libertações parciais, abertas à totalidade. . .

A escolha do caminho do compromisso com o povo, a escolha da organização, a busca da vida, segundo a nossa perspectiva de fé, é para nós, mulheres, o modo de proclamar o senhorio de Jesus. O colocar-nos, como Maria, "aos seus pés" (Lc 10,38-42), em atitude de discipulado e seguimento, alimenta a esperança dos que lutam pela causa do direito e da justiça. Para nós, hoje, isto é "escolher a melhor parte".

Concluindo, podemos afirmar que é um fato, a tomada de consciência de alguns pontos fundamentais em relação à situação real da mulher a nível de terceiro mundo, de Brasil e de Santa Catarina.

A mulher explorada na fábrica, no campo, no lar. Discriminada na Igreja, na sociedade. . . são situações determinadas que estão clamando por vida.

Queremos que este estudo, mesmo incompleto, sirva de provocação e ponto de partida para novas práticas e reflexões sobre a situação da mulher empobrecida e marginalizada. Urge a necessidade de aprofundar mais a questão da mulher catarinense, de suas lutas e sofrimentos. Dentro das organizações que já existem e da caminhada já feita, sentimos que despontam grandes sinais do Reino de Deus entre nós.

Bibliografia

- 1) Vários Autores. "A Violência dos Opressores na Bíblia e o Direito dos Pobres à Vida" Ed. Vozes, Petrópolis, Coleção Estudos Bíblicos, Vol. 6.
- 2) Boletim de Intercâmbio Nacional pela Defesa dos Direitos Humanos. Ano I, N.º 5, agosto de 1985.
- 3) Boletim da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. "Ide e Ensina" N.º 106, julho de 1987, Joinville SC.
- 4) Estudos: A Mulher Agricultora. Vols. I e II — Chapecó — SC.
- 5) Boletim Pró-Participação Popular na Constituinte. Chapecó, SC, 1986.
- 6) REB — Revista Eclesiástica Brasileira. Editora Vozes, Petrópolis, 1986, março, fasc. 181 (sobre a Teologia feminista na AL).
- 7) Relatório Equipe Estadual da Saúde. Uma das Lutas das Mulheres. Florianópolis, SC, 1987.
- 8) CPT — Relatório Sintético das Discussões do Encontro de Mulheres Agricultoras. Florianópolis, SC, março, 1986.

Endereço das Autoras:
INSTITUTO TEOLÓGICO DE SANTA CATARINA
Caixa Postal 5041
88041, Florianópolis, SC

ITESC

ENTIDADE MANTENEDORA
FUNDAÇÃO DOM JAIME DE BARROS CÂMARA

DIRETORIA

Pe. Ney Brasil Pereira
Pe. Orlando Brandes
Pe. Siro Manoel de Oliveira

PROFESSORES — 1987

Prof. Daniel Ramada y Galán
Pe. Evaristo Debiasi
Pe. Francisco de Assis Wloch (2.º sem.)
Pe. Henrique Ernesto Cervi
Pe. Kuno Paulo Rohden — SJ (2.º sem.)
Pe. Jaci Rocha Gonçalves (2.º sem.)
Pe. Manoel João Francisco
Pe. Márcio da Silva (1.º sem.)
Prof. Martha R. S. de Ramada y Galán
Pe. Ney Brasil Pereira
Pe. Nilo Buss (1.º sem.)
Pe. Orlando Brandes
Pe. Dr. Valter Maurício Goedert
Mons. Valentim Loch (1.º sem.)
Pe. Dr. Vitor Galdino Feller (2.º sem.)

ALUNOS — 1987

1.º ano: 30
2.º ano: 34
3.º ano: 25
4.º ano: 27. . . total: 116

TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS de 1973 a 1987

Curso de graduação: 466

leigos: 17
religiosas: 26
irmãos religiosos: 23
semin. religiosos: 57
semin. paranaenses: 42
semin. outras dioceses: 32

subtotal: . . . 197

semin. catarinenses:
Florianópolis: 67
Tubarão: 66
Joinville: 32
Lages: 30
Chapecó: 25
Caçador: 22
Rio do Sul: 17
Joaçaba: 10

subtotal: . . . 269

Alunos ordenados presbíteros: 155

(até outubro 1987)

Curso Intensivo de Teologia para Leigos, CIT

Total de matriculados: 451 (este ano, 82)

Curso de Aprofundamento Teológico, CAT

Total de matriculados: 96 (este ano, 48)